



CLUBE DA POESIA

Periódico mensal do Clube dos Poetas Cearenses

NOVEMBRO DE 2025

ANO 1 - NÚMERO 4

clubedospoetascearenses@gmail.com

- <https://clubedospoetascear.wixsite.com/clube-dos-poetas-cea>

Juvenal Galeno

A JANGADA

Lendas e Canções Populares (1859-1865)

Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?
Tu queres vento de terra,
Ou queres vento do mar?
Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?

Aqui no meio das ondas,
Das verdes ondas do mar,
És como que pensativa,
Duvidosa a bordejar!
Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?

Saudades tens lá das praias,
Queres n'areia encalhar?
Ou no meio do oceano
Apraz-te as ondas sulcar?
Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?

Sobre as vagas, como a garça,
Gosto de ver-te adejar,
Ou qual donzela no prado
Resvalando a meditar:
Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?

Se a fresca brisa da tarde
A vela vem te oscular,
Estremeces como a noiva
Se vem-lhe o noivo beijar:
Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?



Foto: Divulgação

Quer sossegada na praia,
Quer nos abismos do mar,
Tu és, ó minha jangada,
A virgem do meu sonhar:
Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?

Sé à liberdade suspiro,
Vens liberdade me dar;
Se fome tenho - ligeira
Me trazes para pescar!
Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?

A tua vela branquinha
Acabo de borrifar;
Já peixe tenho de sobra,
Vamos à terra aproar:
Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?

Ai, vamos, que as verdes ondas,
Fagueiras a te embalar,
São falsas nestas alturas
Quais lá na beira do mar:
Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?

Juvenal Galeno da Costa e Silva nasceu em Fortaleza, CE, em 27 de setembro de 1836, e morreu na mesma cidade, em 7 de março de 1931. Era filho de José Antônio da Costa e Silva, e de Maria do Carmo Teófilo e Silva. Para alguns estudiosos, seria o criador da poesia de motivos e feição populares no Brasil. Seus versos reproduzem os costumes, as crendices, os folguedos, os sentimentos e a bravura do povo. É considerado o pioneiro do uso do folclore do nordeste, na poesia de larga divulgação.

Clube da Poesia é um periódico mensal publicado pelo Clube dos Poetas Cearenses. Grupo literário fundado em 1969 em Fortaleza.

**DIREÇÃO CLUBE DOS POETAS
CEARENSES:**

Diretor Geral: Nonato Nogueira;
Secretário: Rangel Flor;
Diretor Administrativo-Financeiro:
Elaine Meireles;
Diretor de Relações Públicas: Djacyr
de Souza;
Diretor de Eventos: Jair Freitas;
Diretor Técnico-Artístico: Elcid Lemos.

EQUIPE DE APOIO:

Lucirene Façanha
Renato Bruno
José Leôncio de Lima
Leonardo Sampaio

JORNALISTAS:

Tiago Rocha de Oliveira -
Registro nº MTB/JP 01293-ES
Gerardo Carvalho Frota -
Registro nº 1679-CE, em 21/03/2005.
DRT 002936/00-92

DIAGRAMAÇÃO:

Nonato Nogueira

CONTATO:

clubedospoetascearenses@gmail.com



Adquira seu exemplar:

(85) 988794891

Preço: 38,00 com frete grátis

PEDAÇO

Desgarrado de mim
Meu pedaço não vê
Que as noites
São longas
Que a estrela
Não guia
Que o silêncio
É um açoite
Que a solidão vigia
Meu pedaço
É saudade em mim
Saudade do seu
Cheiro de rosa
Saudade do gosto
De seus beijos
Saudade do conforto
De seus seios
Saudade da maciez
De suas ancas
Meu pedaço é assim
Um ponto
Entre a ausência
E o encontro
Num misto
De clandestino
E casual
No qual
Rolam meus dias
Entre a luz
E a sombra
Assim, oscilante
Às vezes bem
Às vezes mal



Foto: Divulgação

Jair Freitas é Ator, diretor, dramaturgo, professor, poeta, produto cultural; criador do Teatro de Expressões, Oficina Introdução à Interpretação Teatral - Teatro de Expressões e Sarau Teatro de Expressões; membro da Academia Cearense de Teatro - ACT e Clube dos Poetas Cearense - CPC

DIFERENÇA AVILTANTE

Um olhar pedido
Talvez estendido
As coisas além dos sentidos
Havia uma dúvida em tudo
Queria ser coerente
Faltava certo impulso
Negação da conexão
Movida à censura
A diferença aviltante
No viver preso às circunstâncias
Deu lugar ao silêncio compungido
Entre os entes
Um era filho da noite enluarada
O outro era luz do sol nascente.



Foto: Divulgação

Célia Oliveira - Advogada, poeta e escritora sobralense. Escreveu O Melhor Tempo, Na Quietude da Noite, Recôndito das Pérolas, Enquanto Dormem as Garças, E Assim a Vida Segue, Baú das Flores, Sobral da Minha Eterna Saudade, Poemas Fabulosos. É coautora em várias antologias nacionais e internacionais.

O CORPO QUE SANGRA

na boca da noite
palavras de amor
nas mãos trêmulas
uma carta ao portador

no silêncio da noite
um instante de dor
a dor que transfigura
o perfume da flor

corpo despido
corpo que sangra
na beira do rio

rio que deságua
no leito úmido
por baixo do cobertor



Foto: Divulgação

Nonato Nogueira é natural de Fortaleza-CE. É professor de História, Filosofia. Sociologia. É mestre em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Escreve poemas e crônicas. Seu último trabalho é o livro de poemas filosóficos A solidão de Nietzsche, publicado pela Caravana Grupo Editorial em 2023 e O homem que morava dentro de si, produção independente (2024). Editor da Revista Sarau Eletrônica (ISSN 2965-6192).

Contato (85) 988794891

Instagram: @nonatonogueira45

PÔR DO SOL EM IRACEMA

Fim de tarde na Praia de Iracema
Na velha nova ponte a passear
Meu olhar é um barco navegar
Que navega a procura de um poema

No horizonte o sol feito uma grande gema
Refletindo o seu brilho sobre o mar
Vai enchendo de encanto meu olhar
Quebrando a solidão que era algema

Ao cair o sol vai se despedindo
Com aplausos aos poucos vai sumindo
Deixando em cada rosto encantamento

Os lábios com sabor de maresia
Se tocam refrescados de alegria
Celebrando esse mágico momento



Foto: Divulgação

ELCID LEMOS DE MOURA – cearense (Fortaleza). Cantor, compositor, cordelista. Herdou o talento do pai, um sertanejo apaixonado por repente e viola. Finalista no II Festival da Canção de Fortaleza (2019), com a canção Gonzagão não morreu. Gravou shows em 2021/2022 na TVDD/Festival Aralume/Casa de Vovó Dedé. Apresenta-se solo ou com o Trio SerTãoAmor.

SONHO

Eu quero ter uma casinha
Cercada de flores,
Árvores frondosas
E um lindo riacho para me banhar,
Quero ver o nascer de um lindo sol nas manhãs de verão,
Quero poder sorrir e cantar junto aos pássaros,
Quero brincar, correr, pular e voltar a ser criança,
A ter a pureza desses seres amáveis que um dia eu fui.

Marcos Abreu – Poeta, Escritor, Declamador de Poesias, interprete do cancionário em MPB e outros gêneros; cronista, contista, romancista. Nascido em Fortaleza-Ceará é autor das seguintes obras: "Poesias de um Poeta Louco"(1995), " Nas Teias da Poesia" (1997)-Editora Passárgada- Pernambuco-Recife "Retalhos Poéticos" Poesia Livro-2000 Cordéis Publicados: " A Revolução Humana" publicado pela Fraternidade Arte e Cultura-2011 " O Rouxinol e a Rosa" Literatura Infantil- Editora Flor da Serra-2016 " A Coisificação da Sociedade na pós-modernidade" " Versos de Ouro" Fecomércio-Senac-Sesc-IPDC Antologias: Poetas da Praça do Ferreira-Editado Pela BSG-Bureau de Serviços Gráficos-Editor- Márcio Catunda-2018 "Amor Música e Poesia" Editor: Antonio Pompeu. Romances: " O Louco e o Estado-Expressão Gráfica-Fortaleza-2019-Edição e Prefácio-Dimas Macedo.

A PERIFERIA COMO MEIO DE PROTESTO E REBELDIA

A periferia ensina
o que a elite não quer ver:
que o povo unido na coragem
é capaz de renascer.

Renasce por meio de um gesto simples
de quem compartilha o pão,
no mutirão do domingo,
na força oferecida por cada irmão.

Renasce no grito contido
que explode em satisfação,
no verso que rompe o medo,
no passo firme do cidadão.

É no fazer diário,
seja na feira, no soltar de pipas
que se constrói resistência
e a esperança ganha força e persistência.

Não se cala a voz vinda da favela,
nem se apaga o que sempre foi chama.

O povo que aprende a cair
é o mesmo que levanta e clama.

Protesta por vida com dignidade,
por teto, por justiça e respeito.

E mostra, sem pedir licença,
que revolução faz morada em seu peito.

Para além da violência imposta,
há um sonho que não se oculta:
a periferia em luta sempre posta
em um mundo que a escuta como território de



Foto: Divulgação

Denilson Marques dos Santos - Mestre em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará (PPGCR/UEPA); Graduado em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá (UNESA); Membro do Grupo de Pesquisa (GP) Arte, Religião e Memória (ARTEMI/UEPA); Docente da Secretaria Executiva de Educação (SEDUC-PA) e da Secretaria Municipal de Educação (SEMED-Ananindeua) / Ministrando as Disciplinas "Filosofia" e "Estudos de Religião"; Colunista da Revista SARAÚ. E-mail: dede_cecilia@yahoo.com.br / Contato: (91) 98212-3606.

A DESPEDIDA

Quando ela chega,
não há como voltar.
Assusta alguns,
pra outros, é algo normal.

Acontece sempre,
mas nunca sem emoção.
É o instante em que a mente viaja,
revendo o que foi,
e o que ficou por fazer.

Agora é tarde pra voltar atrás.

Mesmo assim,
vale pensar pelo lado bonito:
viver o momento,
realizar um sonho,
celebrar as vitórias
nessa estrada longa,
cheia de lutas e aprendizados.

A despedida também é começo
de uma nova fase,
de novos caminhos,
de batalhas que virão.

E assim seguimos,
entre fins e recomeços,
fazendo da vida
um constante aprender a seguir.



Foto: Divulgação

Bruno Porto Filho - Licenciatura em História e Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Funcionário público municipal aposentado da prefeitura de Fortaleza. Primeiro repórter comunitário a ir à Brasília. Sindicalista, produtor do Programa Gente de Luta na rádio FM Universitária de Fortaleza. Participou e ajudou a criar as primeiras Rádios Comunitárias no Brasil. Escritor e poeta, natural de Fortaleza, Ceará.

VOU MORAR LÁ NO SERTÃO

Hoje moro na cidade
Muitos barulhos ouvindo
Invade-me uma saudade
Percebo logo sorrindo
Grandes máquinas não param
Nossas vidas se atrapalham
Vai embora a emoção
Eu começo a lamentar
E me sento pra pensar
Vou morar lá no sertão.

Na noite de sexta-feira
Deito, dormir não consigo
Pois há uma bebedeira
No endereço de um amigo
O som do carro ligado
Com o volume topado
Aumenta a poluição
Não posso nem estudar
Mas isso vai acabar
Vou morar lá no sertão.

Eu quero acordar ouvindo
O canto dos passarinhos
Para ver o sol surgindo
Iluminando os caminhos
Que nos levam ao roçado
Com ferramentas de lado
Pra cuidar da plantação
Plantar milho e mandioca
Para fazer tapioca
Morando lá no sertão.

Eu quero observar a chuva
Nossa lavoura molhando
E pegar o guarda-chuva
Para sair caminhando
Sentindo a terra molhada
E subir aquela chapada
Pisando meus pés no chão
Passar o dia na roça
Depois voltar pra palhoça
Morando lá no sertão.

Vou pegar a baladeira
Algumas pedras juntar
Ver a vaca lavadeira
No curral para ordenhar
Ao passar lá no baixio
Lá na passagem do rio
Observando a criação
Das cabras e seus cabritos
Há bandos de periquitos
Morando lá no sertão.

Lá no sítio me criei
Ao lado dos animais
Com frutas me alimentei
Comi muitos vegetais
E só vim para cidade
Pra estudar na faculdade
Fiz minha graduação
Já sou especialista
Antes de perder a vista
Vou morar lá no sertão.

Eu desejo ainda ver
As aves no juazeiro
Cantando ao amanhecer
E durante o dia inteiro
Observar os bem-te-vis
Os nambus, as juritis
Campina, gola, azulão
Linda rosa da catinga
Sanhaçus e jacutinga
Morando lá no sertão.

Nas noites de lua cheia
O tatu eu vou caçar
Para fazer minha ceia
Uma cutia matar
Vou observar a beleza
Da nossa mãe natureza
E sua população
Numa rede me deitar
Conversar e namorar
Morando lá no sertão.

Vou deixar essa cidade
Aqui eu não sou feliz
Pois minha felicidade
É tudo que eu sempre quis
Casarei com a morena
Numa casinha pequena
Vou fazer habitação
Junto com minha querida
Viveremos nossa vida
Morando lá no sertão.



Foto: Divulgação

MOMENTOS

O mar cospe almirantes
nas praias noturnas:
as serras são tão sólidas
as nuvens são tão puras.
As serras são tão sólidas
ao mesmo tempo leves:
como a vida é eterna
entre momentos breves.

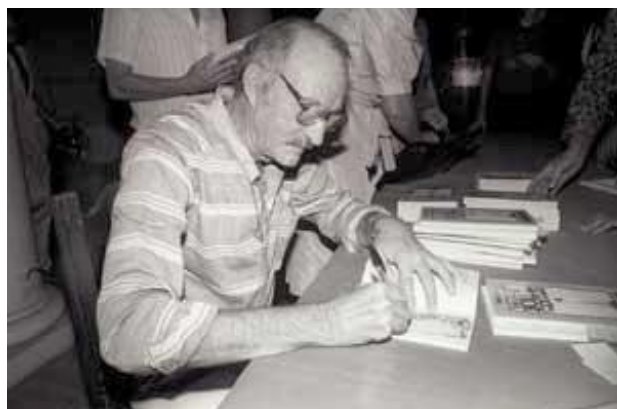


Foto: Divulgação

José Alcides Pinto, ficcionista e poeta, nasceu em São Francisco do Estreito, distrito de Santana do Acaraú, no Ceará. Foi professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade Federal do Ceará. Detentor de vários prêmios literários. Tem livros publicados na área do romance, novela, conto, poesia, teatro e crítica literária. É considerado um poeta de vanguarda e experimental.



José Roberto Moraes - Professor, poeta, cordelista e escritor araripense. Colunista da Revista Sarau e Membro Fundador da Academia Cearense de Literatura de Cordel (ACLC). Autor dos livros: "50 Sonetos", "Reforma Agrária e o Boi Zebu e as Formigas: uma análise sociológica", "Fantástico Mundo da Leitura", "Veredas do Cordel" e "Retalhos do Tempo"; e coautor em algumas antologias.

EU SER

Não sei porque existo.
Aliás, nem sei se existo.
Só sei que penso e sofro.
Com meu sorriso amarelo
transmito as lágrimas incontidas
no amago.
Tenho uma grande compaixão
pelo ser humano
e tenho pena de mim.
A minha tristeza maior
é de pensar que a morte não existe.
O futuro é sempre o presente.
E o que passa, passou.
As marcas ficam como cicatrizes
vorazes e incuráveis.
Se existo não sei.
Só sei que penso e sofro.



Foto: Divulgação

Mário Ferreira Gomes nasceu em Fortaleza no dia 23 de julho de 1947. Concluiu o primário no Grupo Paulo Eiró em São Paulo. Terminou o secundário no Curso Humberto de Campos. Foi professor de filosofia do primário em vários grupos de Fortaleza. Passou pelo Curso de Arte Dramática da UFC sem concluí-lo. Tendências às artes plásticas e à caricatura. Tornou-se autodidata e boêmio.

VISÕES DO CAOS

Oculista cego ganha prova de tiro.
Dentista vende a própria dentadura.
Atleta paralítico bate record.
Suicida-se autor de "Lições de Felicidade".
Onanista impotente estupra hermafrodita.
Assalto a quartel - era a polícia.
Pacifista agride ancião.
Corrupto escreve obra moralista.
Milionário pede esmola.
Campeão de natação morre afogado.
Aumenta índice de insalubridade médica.
Mendigo empresta dinheiro.
Tarada faz voto de castidade.
Anão na seleção de basquete.
Analfabeto defende tese de doutorado.
Mudo dá conferência sobre retórica.
Judeu esbanja dinheiro.
Gênios varrem ruas.
Herói destrói a reputação da pátria.

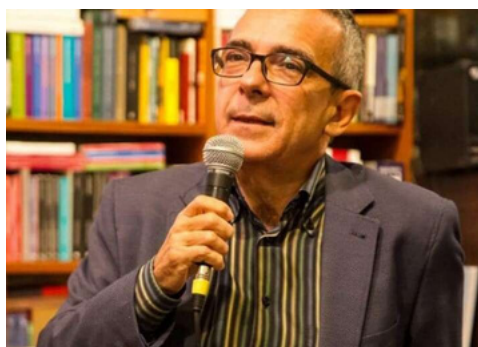


Foto: Divulgação

Márcio Catunda nasceu em Fortaleza, a 22 de maio de 1957. Filho de Orzete Ferreira e Zenilda Catunda Ferreira Gomes. Bacharel em Direito em 1985 pela Universidade Federal do Ceará. É autor dos seguintes livros: POEMAS DE HOJE, 1976 (parceria com Natalício Barroso Filho); INCENDIÁRIO DE MITOS, 1980; NAVIO ESPACIAL, 1981; ESTÓRIAS DO DESTINO E DA PERFÍDIA, 1982 (contos e poemas); O EVANGELHO DA ILUMINAÇÃO, 1983; A QUINTESSÊNCIA DO ENIGMA, 1986; PURIFICAÇÕES, 1987; O ENCANTADOR DE ESTRELAS, 1988; SERMÕES AO VENTO, 1990; SORTILÉGIO DO MARTÍRIO, 1991; DEVANEIOS E LAMENTAÇÕES, 1991 (parceria com Mário Gomes); LOS PILARES DEL ESPLENDOR, Lima, Peru, 1992; LHAVE MAESTRA, Lima, Peru, 1994 (parceria com Eduardo Rada, Eli Matin e Regina Flores), e A ESSÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE, Lima, Peru, 1994 (ensaios filosóficos). Reside atualmente em Genebra, Suíça.

VERÃO NO CEARÁ

Outubro no Ceará
É ardente verão
Branças nuvens
Vento nos cabelos
Folhas secas no ar
Cheiro de pedras
De velhas calçadas
Suores no corpo
No rosto e lábios
Vermelho carmim
Um copo d'água
Que fresca escorre
Na língua macia
Percorre a garganta
Aplaca a tal sede
Renova a energia
Outubro é verão
Em nosso Ceará.

EXISTÊNCIA

Saboreio as nuvens
Com gosto de orvalho
Nas manhãs claras
No raiar da aurora
Rodopio com o vento
Numa mágica dança
Para o deus Sol
É preciso brindar
A minha existência
A minha liberdade
Entre bichos e flores
Terra e firmamento
Entre as velhas cidades
De pedras e cimento.



Foto: Divulgação

Leide Freitas. Cearense de Capistrano-Ce. Formação: Pedagogia. Especializações: Gestão Escolar, Psicopedagogia e Educação Especial e Inclusiva. Obras: Vidas Oscilantes(pré-venda) Reflexões íntimas - Caravana; A casa da colina e o mistério dos jovens desaparecidos(Amazon); O Tempo é Mulher(Amazon); Em tempos de pandemia (Amazon) e O Diário de Sabrina. 10 Participações na Revista Contos de Samsara @editorasamsara. 12 participações em coletâneas físicas e digitais com poemas e contos. (@leidefreitas.escritora)

ERA UMA VEZ E AGORA SEMPRE

Era uma vez, de vez em quando
Era uma vez, já não existe mais
Era uma vez, um tempo atrás

Nunca chegava a vez
Sempre passado para trás
Desde sempre desempregado

Varria a rua
Limpava o chão
Coletava o lixo

Sobras
Dejetos
Refugos

Alimentos estragados
Fraldas descartáveis
Sapatos velhos

Uma sacola...

Passaram-se 365 dias
Nunca ninguém jamais reclamou
E todos os dias olhava
A sacola pendurada no armador

Todo dia

Era varrer a rua
Limpar o chão
Coletar o lixo
Recolher o resto
Daquilo que sobrava
Da casa do outro

O silêncio
A tristeza
A incerteza
A alegria

Restava a sacola
Sacola do lixo
Lixo rejeitado
Nunca procurado

Era uma vez
Somente aquela vez
Que fez de vez
A vida sorrir.

Elaine Meireles – Especialista em Literatura Luso-Brasileira, Professora Tutora da UFC/IFCE, Editora e Articulista da Revista Sarau. Autora da Coletânea Lápis Afiado (Análise de livros indicados para o vestibular; Estilos Literários Brasileiros.); Português – Vestibulares & Concursos. Participação nos livros Vivências de Leitura – uma análise linguística-literária das obras (org. Lucineudo Machado), Cartas para Belchior, v1 e v2 (org. Nonato Nogueira). Contato: ponchetart1@gmail.com

VIDA

A rocha ruiu
Esfacelou em mil pedaços
O amor, a força,
Construída sobre
Mentiras levianas
Destruíu meu mundo
Um oceano de tristezas
Me reduziu a pó.



Foto: Divulgação

Lucirene Façanha é graduada em História, com especialização em Ensino. A partir de 2017, participa de diversas antologias/coletâneas. Destaque em 2019 no XXI Prêmio Ideal Clube de Literatura – Prêmio José Telles e segundo lugar em 2020, com nota máxima, no concurso de contos do Instituto Federal da Paraíba – IFPB. Publicou em 2020 O Homem na Janela. Em 2021, foi selecionada pela Caravana Grupo Editorial, publicando a novela "Hecatombe". Publicou pela Amazon os ebooks: "Silêncio sobre o alodão e O Elo.

@lucirenefacanha
f lucirene.facanha
lucymllffacanha@hotmail.com

POEMÁTICA

Poematizo uma inspiração
que indaga ao coração
e não é pura especulação.
O que é então a poesia?
Tristeza, alegria e fé,
vibração, homem e mulher,
miragem, oásis e ocaso,
horizonte, céu e mar,
criança, jardim, e flor...
Poematizar assim é simples no
escrever
mas não no conviver.
E conviver conhecendo
é entender sabendo
no pensar e no fazer.
O que fazemos ou deixamos de
fazer
fica por entender.
Poematizando amando sofrendo
Convivendo aprendendo ajudando
Trabalhando construindo
transformando
Poematicamente vejo
filtrando as palavras
sentindo o que penso
E pensando escrevo e revejo
novamente
admiravelmente.
Praticamente sou,
e não confunda com fácil,
o que vivo e o que faço.
Poética arte dos versos
me ajudam na crítica e na
eternidade.
O que se faz com os versos de um
versejador para aliviar a dor?
Versejo uma composição
pensando no coração, pisada no
fértil chão.
Poemeto não prometo fazer
nenhum enredo como promessa
que não irei cumprir.
O medo é desafiante pra testar o
viver
e deixar de sofrer.
Tentados seremos sempre e
sempre nunca será
sendo assim: sempre e nunca, algo
a se pensar.
Poetificar umas frases para agora
repensar a realidade em que ajo.

O ato feito em cada instante,
é em cada sentimento,
sendo atroz ou amante.
E se errar por tentar acertar
torna válido ao vivente
o fato de ter nascido.
Poema meu nascido de mim
livre de estrutura formal
sendo do meu osso carnal.
Inspiro-me no ar que respiro
na vida real, no sol e na lua...
Na terra e no céu, na água e no fogo,
na matéria espiritual.
Poesia minha matriz
maternal útero das palavras
da essência do pensar.
Mística revelante
esperançosa paciência faz-se
iluminar.
Clareia dia e noite,
apesar de tanta cegueira,
como estrela está a brilhar.
Poemática na parte prática
é a vida que exige presença
é o sentido de nossa sentença.
O agora é o que nos resta
de tudo o que já fizemos
e o que sobra é da vida.
Nem tudo é inspiração, nem tudo é
consciência, nem tudo é conclusão.



Foto: Divulgação

Jonas Serafim de Sousa nasceu em 30 de março de 1962, em Recife, Pernambuco. É professor na Prefeitura de Fortaleza e atuante no Sindiute. Publicou seu primeiro livro na Bienal de 2022 em Fortaleza com a obra "Endyra: uma aventura na Amazônia". Em 2024, publicou "Poesofia". Residente em Pacatuba, Ceará. Publicações: jonaslivros.blogspot.com - Contato: (85) 9 8604.8862. Instagram: @jonas.serafim.

PORTAL DA VIDA: A VIDA É PARA VIVER

Diante do sol do amanhecer
percebo que a vida é para se
gastar, ou seja, a vida é para se
viver no brilho da manhã a luz a
reluzir, a vida é para viver
interagindo em harmonia com
todos os seres vivos da
natureza.

A vida é para se viver com a
coragem do timoneiro no
comando da embarcação, cada
instante é um presente, um
sopro de paixão, em cada nova
jornada, pulsa o coração, nos
braços do amor, é tempo de
sorrir, encontramos o caminho,
cada passo dado é um novo
destino no labirinto marítimo
do feliz esquecimento.

Entre risos e desafios, a dança
do existir, a vida é para se viver
livre como o voo das aves de
arribação e bela como o canto
dos pássaros quando a manhã
vai surgindo linda no horizonte,
nos braços da esperança, vamos
nos entrelaçar, a beleza do
agora é o sol do dia que vem nos
guiar, a noite sob o céu
estrelado, sonhos a flutuar, pois
a vida é para se viver, vamos nos
deixar levar ao lado dos
verdadeiros amigos e fiéis
familiares, seres que de forma
sublime dão sentido a nossa
existência.

E por fim, caminhos se abrem,
novos sonhos a florescer, pois
cada passo dado é um convite a
renascer, assim vamos nos
permitir entre sorrisos e
lágrimas, tudo faz parte do ser,
doravante realmente a vida é
para se viver, um eterno
encontro do aprender e ensinar
diariamente.

Élcio Cavalcante, Professor de
História.

REJEIÇÃO

A maior dificuldade de aceitar uma rejeição é
Quando vem de alguém que gostamos e isso
Marca com uma dor descomunal e por ser de quem vem
Mutila e maltrata cada segundo que pensamos nesse alguém;
Não acreditamos, ou melhor, não queremos acreditar que
É verdade essa sensação e rogamos em nossas crenças que
Sejam apenas devaneios tolos que por vezes a própria mente
Nos faz ver coisas que, não necessariamente, sejam reais;
E o Tempo, que nada cura, não é opção esperar que Ele
Faça milagres sem uma atuação direta, objetiva e sem
Procrastinar, para que a resolutiva seja efetivamente uma
Mudança interna real;
A partir de quando entendemos que somos autores de nossas
colheitas,
Pois ninguém colhe aquilo que não plantou, é aí que o processo
começa
Originando uma necessária mudança de comportamento e de
certa
Forma uma aceitação da realidade;
O que diferencia do que se sente sobre a rejeição, não é análise do
porquê,
É mais profundo que querer saber sobre e de onde venha,
É entender que não devemos gerar expectativa sobre outrem
relativo ao que
Queremos e não deixar o emocional ser maior que o Racional;
Muito difícil e doloroso deixar de ver com carinho a quem um
certo
Momento da Vida, dividimos nossa vida e nossa individualidade;
Não há como esconder o que somos e nem o que sentimos quando
somos inteiros.



Foto: Divulgação

RENATO BRUNO VIEIRA BARBOSA é natural de Fortaleza - CE, nasceu em 1985. Bacharel em Direito, Gestor em Tecnologia da Informação, Professor Universitário nos cursos de Direito, Gestão em T.I, Administração e Processos Gerencias. Palestrante e Escritor com temas contemporâneos, cultivando a paixão pela poesia, música e teatro.

VIVER NORDESTINA

Vivo, trabalho, no sudeste do meu País.
Mombacense, brasileira e cearense
Sou grata, a São Paulo pelo meu viver
A conta paguei, crédito eu tenho.

Sou nordestina, nordestina eu sou
não aceito ser chamada de nortista
de modo pejorativo.
Com orgulho, nortista eu seria
Se nortista fosse.

Meu ser lustroso
Responde ao preconceituoso
racista, xenófobo
Preste atenção no meu dizer
se enxerga sujeito!

Olhe-se no espelho
Porque nem de longe
tu tens a beleza
o brilho no olhar
O encanto de brilhar.

O seu ser é ofuscado
a resiliência nordestina não deixa
que o seu rancor e ódio
Passe além de você.

Se enxerga sujeito!
viva a sua vida em paz, talvez!
recolha-se ao seu pré-conceito
Ninguém aqui pediu o seu parecer.

Viva com o que você tem
ódio, rancor, mágoa, inveja.
Fique com o seu tesouro medíocre
a única riqueza do seu coração

Nós nordestinas, preocupadas?
Não estamos, a sua opinião
não influi e nem contribui
Nordestina é um modo de ser.



Foto: Divulgação

Mardonia Matos Pinheiro Alencar -Pedagoga pela Universidade de Guarulhos (2007). Especialista: em Educação para a Sexualidade pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (2010), em Docência do Ensino Superior, pelas Faculdades Integradas Campos Salles (2015), e em Psicomotricidade, pela Faculdade de Ciências e Tecnologia Paulistana (2016). Professora na Educação Básica da Escola Pública de São Paulo(2010). Diretora de escola (2018). Psicanalista/Escritora. Estudante/Psicologia

JANELAS!

Janelas são como portais.
Elas não existem por existirem.
Tampouco apenas como designer.
As janelas não são
Apenas janelas.
São oportunidades.
Ar puro.
Vista colorida.
Progresso.
Ou, quem sabe, regresso.
Das divagações
Que refletem...
Apenas refletem.
Mas são perspectivas.
Com ângulos.
Janelas soam
Como transição:
O lá e o cá.
A gente escolhe.
Encolhe.
Encoraja-se.
Revê.
Revisita.
Reflete.
Se soubessem as janelas
O seu poder metafórico
Sairiam por aí,
Abrindo e fechando,
Renovando o ar,
Os sonhos,
As perspectivas.
Renovando a vista do horizonte,
Do além de sua soleira.
Com o seu batente
Não há estreitamento para olhar.
Olhar na janela.
Olhar da janela.
Olhar pela janela.
As perspectivas mudam.
Renovam-se.
Tudo acontece
Pelas janelas.



Foto: Divulgação

Nêia Gava - Especializada em Letras: Português e Literatura. É poetisa e escritora. Possui Antologias Poéticas publicadas. Membro do Conselho Municipal de Política Cultural de Vargem Alta. Acadêmica Correspondente da Academia de Letras e Artes de Venda Nova do Imigrante (ALAVENI). Acadêmica Correspondente da Academia Pan-Americana de Letras e Artes do Rio de Janeiro (APALA-RJ). Membro nº 001039 da Academia Internacional de Literatura Brasileira. Colunista da Revista Sarau (CE-Fortaleza). Coordenadora Diocesana da Pastoral de Comunicação (Pascom) - Área das Rochas. Coordenadora do núcleo Coletivo Escritoras Cachoeirenses.

ENTRE LÁGRIMAS E LEMBRANÇAS: A DOR FALA

Ó dor, por que estás em mim?
Sofri criança, sofro até o fim.
Ó dor, por que te apegaste assim?
Não me deixas, vives em mim.

O sorriso sincero se foi com o tempo,
ficou o vazio, ficou o tormento.
Cadê o amor? Cadê a alegria?
Viraram cinzas, pura agonia.

A bondade que dou volta em traição,
e o peito sangra em solidão.
Cadê a morena de doce olhar?
Deixou-me triste, sem lugar.

Disse que sou falso, sem razão,
lançou palavras, feriu meu coração.
Falei tão pouco, mas senti demais,
e o que era amor... não volta jamais.

Minha alma grita, noite e dia,
em busca da antiga alegria.
Cadê aquela criança que sorria sem fim,
tão pura, tão leve, morava em mim?

Cadê a paz que tanto sonhei?
Cadê a alegria que almejei?
Cadê a família que idealizei?
Cadê a mulher dos sonhos que imaginei?

A noite se vai, o dia vem,
e busco em filmes meus sonhos também.
Que essa dor da alma enfim se desfaça,
e a alegria enfim renasça.

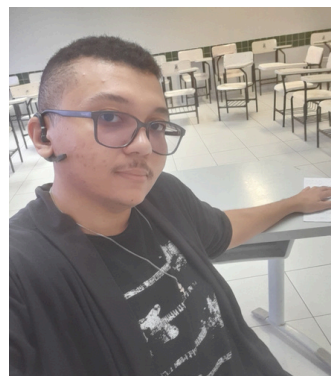


Foto: Divulgação

Francisco Hélio Mota da Silva nasceu em Fortaleza, mas vive atualmente em Horizonte. É estudante do curso de Licenciatura em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e atua como pesquisador.

CORDEL DA REDE E DA REGRA

No tempo da tela acesa,
Tudo é fala, tudo é luz,
Mas também nasce a incerteza
Que a verdade já não conduz.
O povo vive conectado,
Mas o bom senso anda confuso.

Postagem vira sentença,
Mentira ganha lugar,
E o ódio veste aparência
De direito de falar.
Enquanto o clique é poder,
Quem cala quer respirar.

O governo vem dizendo:
“Precisamos regular”,
Pois há gente adoecendo
Sem nem mesmo se notar.
A mente vira refém
Do que o feed faz mostrar.

O ministro já comenta,
Haddad vem a reforçar:
“Regular não é censura,
É pra gente se cuidar.”
Pois rede sem direção
Pode o povo machucar.

O STF, por cautela,
Solta edital sem demora,
Quer saber o que circula,
O que fere e o que aflora.
Para que a lei caminhe justa,
Sem ferir quem só melhora.

Mas há quem veja perigo,
E tema a mordança chegar,
Diz que o livre pensamento
Deve sempre respirar.
Entre a regra e o abuso,
Qual caminho trilhar?

No meio dessa conversa,
Fica a lição derradeira:
Rede é espelho e armadilha,
Mas também luz verdadeira.
Se usada com consciência,
Transforma a vida inteira.



Foto: Divulgação

Maria Patriolino é escritora, autora de vários livros infantis, cordelista, romancista, coautora em diversas antologias brasileiras. Formada em Serviço Social e pós-graduada em Psicopedagogia.

INQUIETUDE

Recolhi-me ao ermo de mim mesmo,
Escondendo-me na presença apenas de mim,
Afastando-me da brutalidade dos seres que me cercam.
A orbe encontra-se à mercê da ignorância,
Rodeada por espíritos vazios,
Rostos selados com sorrisos falsos,
Corpos encharcados de maldade.
Não suporto viver.
As pessoas estão cada vez mais cruéis,
Antipáticas,
Desinteressantes,
Burras,
E, acima de tudo,
Não sendo quem realmente são.
São como máscaras,
Delicadamente moldadas,
Escondendo o que são,
Para agradar silenciosamente o outro.
A vida silenciou, E eu continuei calado...
Estou farto.
Tudo parece tão diferente,
Como se não houvesse senão a morte ao fim do caminho.
A vida calou.
Já não sou abrigo de nada.
O silêncio que me habita me atíça.
Ainda não sei amar com o peito.
Meu sentir se perdeu de mim...



Foto: Divulgação

Pedro Henrique Mariano Barbosa é natural de Fortaleza, com raízes em Massapê. É escritor, pesquisador, colunista. Diplomado em Transações Imobiliárias, graduando em Ciências Contábeis. Colaborou para jornais nacionais, participou de lançamento de antologias literárias pelo país. É autor de poesias, ensaios, prosas, histórias e artigos.

MOMENTOS ÚNICOS

Levantou súbito, no alpendre onde estava deitado e avistou
Os girassóis distribuídos de forma estratégica e expandidos
No alvorecer de uma sexta-feira, indicado no fim de semana
Fixou o seu olhar perdido emotivo que neste instante confrontou
Os aromas sutis que os girassóis desenvolviam sendo distribuídos
Pela janela entreaberta do quarto de estudos que emana
Das memórias existenciais, devaneios de um passado presente
Que continua latente, forte e constante na mente.

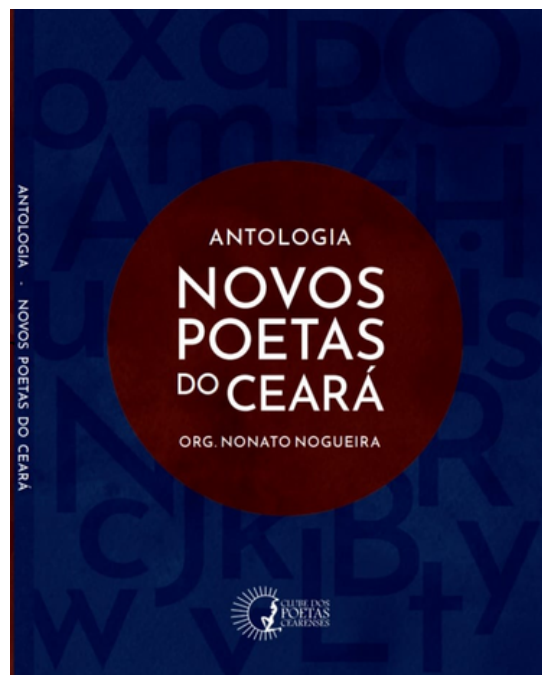
COTIDIANO

Foi ao teatro,
Fez a performance,
Retirou a maquiagem,
Voltou pra casa,
Olhou a fotografia e
Fechou os alfarrábios
E escreveu um poema.



Foto: Divulgação

Luiza Pontes – professora, contista, poeta, cronista. Formada em Letras e Música pela UECE. Fez parte de várias coletâneas e antologias, e recentemente, publicou dois livros infantis “As Aventuras de Laurinha com a lagartixa” e “Uma Galinha chamada Teresa”.



Adquira seu exemplar
35,00 com frete grátis
(85) 988794891
Nonato Nogueira (org.)



O Teatro Chico Anysio

Apresenta

**“JORGE MELLO,
o maior parceiro
DE BELCHIOR
canta e conta”**

**16 de
Dezembro
de 2025,
às 19h30min**

ORGANIZAÇÃO: Nonato Nogueira e Djacyr de Souza



Av. da Universidade, 2175 - Benfica - Fortaleza

Apoio:



 **Nordestinados a Ler**

Sarau na Adufc

NOVEMBRO DA CONSCIENTIZAÇÃO NEGRA

MÚSICA POESIA FEIRA DE LIVROS E CORDEL

Uma História de Além-mar

Isathai Morena Jefferson Eduardo Andreia Guilherme

Guilherme Nerys Teobaldo Dias Solange Ramos, a Índia da Messejana

Sábado Dia 8 de novembro de 2025, às 9h
Estacionamento grátis

Av. da Universidade, 2346- Benfica - Fortaleza

Sarau na Adufc

NOVEMBRO DA CONSCIENTIZAÇÃO NEGRA

MÚSICA POESIA FEIRA DE LIVROS E CORDEL

POEMA-NEIRO

Castro Alves Solano Trindade

REALIZAÇÃO

Teatro de Expressões

JAIR FREITAS

Sábado Dia 8 de novembro de 2025, às 9h
Estacionamento grátis

APOIO

Adufc

PRODUÇÃO

Sarau

ORGANIZAÇÃO: NONATO NOGUEIRA E DJACYR DE SOUZA

Av. da Universidade, 2346- Benfica - Fortaleza

FICINO LOVE

No princípio, o amor mútuo...

Eu havia me encontrado
Pois procurei por ti
E para teu seio fui arrebatado
Tu eras a parte que faltava em mim
E pela primeira vez na vida,
Meus olhos abriram-se
E me encontrei através de ti
Nosso amor parecia fundir-se
No amor eterno de Deus
Tu eras para mim
O rio cintilante
Onde minha essência resplandecia
Onde se revelava a razão de cada dia
Meu amor por ti
Fez-me consciente do sentido da História
Momento sublime de glória
Por ti me possuí,
Por mim desejei que te possuísse
Sem que jamais viesse a te tocar...
Dessa completude inexorável
Um altar se ergueu
Para louvar nosso amor sem par?

E no turbilhão desse amor perfeito
O animal soltou sobre teu ser direito
Palavras venenosas saíram de tua boca
Persenti o caminho que me levava ao horto
Como um colosso trapo infame
Restou-me amor simples, amor morto
Um fantasma, um ente sem nome

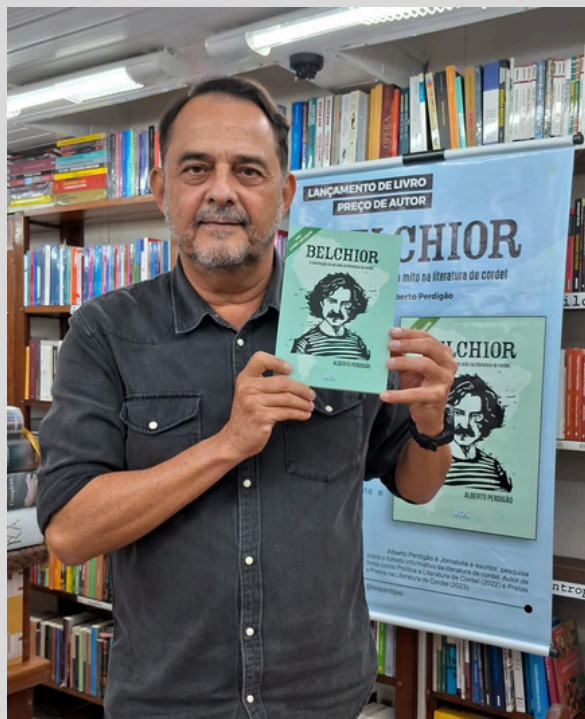
Você de preto,
Entrou no fuscão preto
E foi morar com o guarda
E eu acabei
Na Opus Dei.



Foto: Divulgação

PÁDUA SANTIAGO (Antônio de Pádua Santiago de Freitas). Professor do Curso de História da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestrado em HISTÓRIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA pela UNIVERSIDADE DE PARIS-SORBONNE PARIS IV (1995), doutorado em História Moderna e Contemporânea—Université de Paris IV (Paris-Sorbonne) (1999) e Pós-doutoramento pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2016).

AGENDA CULTURAL



Semifinalista do Prêmio Oceanos 2025 Categoria Prosa



ALBERTO PERDIGÃO

1/11 - palestra sobre A Poética de Belchior, lançamento do livro Belchior: a construção de um mito na literatura de cordel e exposição de folhetos que biografam Belchior, na Casa Amo Cordel, no Rio de Janeiro/Centro.

2/11 - lançamento do livro Belchior: a construção de um mito na literatura de cordel, no bar e brechó Reinventar, no Rio de Janeiro/Grajaú.

8/11 - lançamento do livro Belchior: a construção de um mito na literatura de cordel, na ADUFC.

19/11 - Palestra e lançamento do livro Belchior: a construção de um mito na literatura de cordel, em Ubajara CE (local a definir).

ANA MÁRCIA DIÓGENES

8/11, de 17h10 às 18h30 – lançamento dos meus três livros na Praça de Autógrafos Dandara, da 11ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas (Buraco de dentro; Caso porque te amo, mato porque me amo e Entrou injeção, saiu o quê?

9/11, de 18h às 20h – Mesa redonda “A escrita feminina: mulheres e seus territórios de criação”, na Sala Tamarindo da 11ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas. A mesa reúne três escritoras: Ana Márcia Diógenes (CE), Milena Maria Testa (AL) e Cecília Rogers (RJ)

28/11, às 18h – na Câmara Municipal de Quixadá, a escritora Ana Márcia Diógenes tomará posse da Cadeira 43 como novo membro da Academia Quixadaense de Letras (AQL), que tem como patrono o padre Vicente Gonçalves de Albuquerque.

AGENDA CULTURAL



Apresentação:

Luiz Regadas

AGENDA

De 3 a 7/11 - às 7h30



SEGUNDA

Prof. Nelson Campos

Tema - Violência urbana pelo estado no combate as drogas



TERÇA

Adalberto Alencar e Cynthia Studart Albuquerque

Tema - A Política de Agroecologia Urbana e o Plano Dir. de Fortaleza



QUARTA

Fernanda Garcia e Carlos Eduardo Mello

Tema - Luta dos oficiais de justiça do TJCE por mais servidores e contra a reforma administrativa



QUINTA

Prof. Fábio Gentile

Tema - "Ecos do Fascismo no Brasil de Getúlio Vargas (1930 a 1945)"



SEXTA

Tales Groo

Tema - Segunda Edição da Revista Cangaço Rock

2025



Youtube.com/@TVAtitudePopular